



A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES E PRÁTICAS

Maria do Carmo Almeida de Oliveira (1); Josélia Pontes Nogueira Silva (2);

(1. Profletras – UEPB, maria.almeida.professora@gmail.com; 2. Profletras - UEPB, joselia.pontes@hotmail.com)

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão acerca da inserção no currículo da História e Cultura Afro-brasileira, conforme preceitua a lei 10.639/03, para, em seguida relatar uma experiência com a literatura afro-brasileira no ensino fundamental – anos finais, com a finalidade de promover a diversidade étnico-racial e cultural brasileira. Desse modo, descrevemos a evolução histórica do currículo escolar brasileiro, explicitando antigos paradigmas e mostrando as atuais tendências, ao mesmo tempo em que discutimos o significado e o alcance das mudanças implementadas, relatando os elementos que ainda entravam a sua efetivação. Tal aparato teórico serve como base para nossa sequência de Letramento Literário, na qual utilizamos a obra *Amanhecer Esmeralda* (2014), do autor paulista Ferréz, no modelo de sequência básica proposto por Cosson (2016). A sequência gerou excelentes resultados, destacando a valorização da ancestralidade africana em oposição a uma visão negativista do negro, impregnada pela herança preconceituosa da época da escravidão. Como resultado do trabalho, os estudantes fizeram uma apresentação teatral na escola, de modo a expressar e divulgar as discussões realizadas por meio da leitura. O trabalho com a literatura afro-brasileira na escola, assim, se mostra uma importante ferramenta para a promoção e valorização da cultura negra, de modo a propagar o respeito e a convivência fraterna com toda a diversidade de etnias presentes em nosso Brasil e no mundo.

Palavras-chave: História e Cultura Afro-brasileira, literatura afro-brasileira, Letramento Literário, diversidade cultural.

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a história do currículo escolar brasileiro, é perceptível o modelo eurocêntrico difundido pela Europa, o qual durante décadas serviu de direcionamento para os nossos sistemas de ensino. Assim, tudo que partia da Europa era tido como paradigma de civilização, já que a genealogia da nação encontrava-se na Europa e o mundo brasileiro era (teoricamente) branco e cristão (BITTENCOURT, 2004, p. 83).

Com esse pensamento, pretendemos neste trabalho trazer uma reflexão acerca da inserção da História e Cultura Afro-brasileira no currículo, conforme preceitua a lei 10.639/03, para, em seguida relatar uma experiência com a literatura afro-brasileira no ensino fundamental – anos finais, com a finalidade de promover a diversidade étnico-racial e cultural brasileira. Desse modo, pretendemos abordar algumas mudanças ocorridas na elaboração dos currículos brasileiros, com o intuito de questionar o porquê da não implantação do disposto na





VII ENLIJE

Lei 10.639/03, bem como destacar a relevância da mesma e alguns aspectos necessários para a sua implementação no âmbito da educação nacional. Tal aparato teórico serve como base para nossa sequência de Letramento Literário, na qual utilizamos a obra *Amanhecer Esmeralda* (2014), do autor paulista Ferréz, no modelo de sequência básica proposto por Cosson (2016).

Como já assinalado, a tendência de se seguir modelos externos de currículos, em especial os da França – com a mesma terminologia pedagógica e a mesma estrutura na organização dos documentos oficiais –, só contribuiu para que se perpetuassem o preconceito e as desigualdades na sociedade e também no espaço escolar.

2 EVOLUÇÃO DO DEBATE SOBRE CURRÍCULO

A partir dos anos 70 do século passado, pequenas reformulações foram feitas no tocante ao ensino, embora essas mudanças ocorressem apenas nas técnicas e métodos, em particular na disciplina de história. Em relação aos conteúdos, a maioria foi mantida, porém com algumas simplificações, e, mais uma vez, quem saiu perdendo com as transformações foram os alunos das camadas populares, matriculados em escolas públicas. Isso porque, com essa medida, reduzia-se o conteúdo explícito e, conseqüentemente, a carga horária semanal da disciplina.

As reformulações curriculares ocorridas no Brasil na década de 80, a partir do processo de redemocratização, priorizavam os alunos oriundos das classes sociais mais pobres, pressupondo uma formação política, bem como o fortalecimento da participação de todos os setores sociais engajados no processo democrático. Articulados a tais propósitos, os projetos ligados aos das políticas liberais, dos planos internacionais, foram incorporados às propostas curriculares que estavam sendo elaboradas. O Ministério da Educação, em contrapartida, responsabilizou-se pela tarefa de tal reformulação, com o objetivo de envolver todos os segmentos da educação, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, visando a atender a demanda educacional (BITTENCOURT, 2004).

Com esse intuito, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para servir de norte ao Ensino Fundamental e Médio, deixando a Educação Infantil ainda de fora. Mais uma vez a orientação para o currículo nacional partiu de interesses internacionais, notadamente pela contribuição do psicólogo suíço Piaget sob a égide do construtivismo. É





VII ENLIJE

importante sublinhar que a contribuição psicologista já fazia parte dos currículos, no entanto, foi redimensionada de acordo com as perspectivas da época. Cabe enfatizar que essa tendência orientou os currículos, não só no Brasil, mas nos países Ibéricos, latinos, com destaque aos países do Mercosul.

De acordo com os PCN e as novas propostas curriculares elaboradas na década de 80, a disciplina de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve ultrapassar o ensino dos feitos dos heróis ou dos grandes personagens, apresentados em atividades cívicas e como figuras atemporais, para introduzir outros representantes da sociedade brasileira, a saber: negros e índios. Nesse sentido, surge a lei 10.639/03, modificando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – 9.394/96 –, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Este foi o primeiro passo para inserir o estudo da cultura dessas duas representações no universo educacional brasileiro.

Contudo, há questionamentos no que diz respeito à não implementação da lei 10.639/03. Os marcos legais vêm comprovar que desde a Constituição de 1988 o Brasil tenta implantar a condição de Estado democrático com ênfase na cidadania e dignidade da pessoa humana, no entanto, mesmo com essa pequena abertura na lei, o preconceito e a discriminação aos afrodescendentes persistem, já que os mesmos encontram dificuldades em todos os âmbitos, inclusive no acesso e na permanência nas escolas.

Durante séculos, o governo federal nada fez para relevar este quadro de injustiça e desigualdade social imposto aos afro-brasileiros. Só a partir do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva passou-se a redefinir o papel do Estado como propulsor das transformações sociais, reconhecendo a diversidade étnico-racial do povo brasileiro e a necessidade de se definir políticas públicas de reparações dos danos causados à população negra por terem que negar sua descendência, cultura e identidade durante séculos de existência.

3 ALGUNS ENTRAVES PARA A EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/03

Ao contrário do que pode se imaginar, é importante destacar que a lei 10.639/03 só foi sancionada através da demanda da comunidade afro-brasileira, após longos anos de luta por reconhecimento, valorização e afirmação de seus direitos enquanto cidadãos participantes da construção da multiplicidade pluriétnica da nação brasileira. Nessa perspectiva, mesmo o





VII ENLIJE

Brasil sendo um país composto por diferentes grupos étnico-raciais, o preconceito se perpetua e perpassa a esfera educacional.

Apesar de alguns avanços, o sistema educacional brasileiro ainda não está preparado para lidar com as disparidades entre negros e brancos. O Saeb¹ 2003 constata que 67% dos estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental com desempenho crítico na leitura são negros, o que destaca o fator histórico de desigualdades construídas entre negros e brancos. Essas disparidades se manifestam na distribuição de renda, no acesso e permanência na escola, bem como na ocupação de cargos de prestígios.

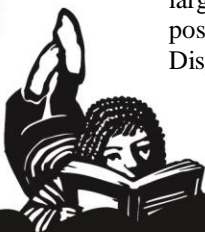
Esses dados comprovam que não basta sancionar, aprovar as mudanças curriculares e fazê-las circular nos municípios para que as mesmas sejam efetivadas, é preciso muito mais para sua implementação em sala de aula. Os dados dos Saeb também constataam que existe discriminação racial nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, o que afeta diretamente o aprendizado dos alunos. Fica, assim, comprovado que a educação brasileira não é tão eficaz para o negro como é para o branco, e isso reside na negligência da história e cultura da população negra em seus conteúdos e métodos didáticos.

No entanto, acreditamos que a educação é capaz de proporcionar aos alunos a possibilidade de questionar e desmistificar os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, os quais foram difundidos e socializados durante séculos. Não obstante, compreendemos que, apesar de difícil, é possível empreendermos, com o envolvimento de todos, essa árdua luta contra o racismo visando à desconstrução de tais mitos em relação à inferioridade do povo negro e indígena. Nesse sentido, o educador, em especial, ocupa um lugar privilegiado, apesar de não poder dar conta de todas as questões sozinho. A esse respeito Munanga assevera que:

Um educador numa classe é como um ator único num cenário único. Apesar de o conteúdo da mensagem ser o mesmo para todas as classes, ele precisa adaptar sua encenação ao espírito de cada classe, senão será prejudicada a comunicação e a mensagem não será igualmente transmitida e entendida por todos (MUNANGA, p. 19, 2005).

Sabemos que para reformular, de fato, o currículo escolar, de modo a renovar a realidade de ensino-aprendizagem nas escolas no Brasil, é importante, além de modificar as

¹ O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é composto por um conjunto de avaliações externas em larga escala que permitem ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de alguns fatores que possam interferir no desempenho do estudante, fornecendo um indicativo sobre a qualidade do ensino ofertado. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>>. Acesso em 20 jun. 2018.





VII ENLIJE

perspectivas ideológicas de currículo eurocêntrico, criar uma abertura ao novo, aos processos de afirmação de identidade, sempre em observância às realidades culturais do público estudante. Só assim, e com base no respeito à diversidade, é possível percebermos alguma mudança no tratamento dado à lei 10.639/03 e sua efetiva implantação.

Embora essa lei esteja em vigor desde 2003, são raros os municípios brasileiros que procuram efetivar a inclusão do proposto em seus currículos escolares. Medidas urgentes precisam ser tomadas nesse sentido, pois a obrigatoriedade é um avanço na luta antirracista, bem como na democratização do ensino brasileiro. Porém, não basta a lei entrar em vigor. É preciso que os professores tenham conhecimento acerca dessa questão e que haja um órgão responsável pela implementação da mesma.

4 UMA SEQUÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO: O AMANHECER DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA

Na experiência com a temática africana e afro-brasileira, pensamos em desenvolver um projeto didático para orientar estudantes a uma prática leitora interativa e contextualizada. Para isso, utilizamos o livro do autor Férrez, *Amanhecer Esmeralda* e orientamos um trabalho de autoconhecimento e respeito às diversidades por meio da leitura realizada. Isso porque a leitura (e suas diferentes práticas) pode direcionar, com grande ênfase, os avanços dos discentes. Por meio dela, podem-se garantir chances de uma interação plena desses sujeitos com o mundo que os rodeia. É por meio da leitura que sentidos são criados. Através dela, o ser humano percebe as realidades – concreta e abstrata. A leitura abre um mundo de possibilidades e por que não promover uma discussão acerca da temática da valorização das identidades negras.

Sabemos que o ensino fundamental, segundo o Art. 32 da LDB (Lei das Diretrizes e Base Nº 9394), apresenta como uma de suas finalidades “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”. Dessa forma, o projeto didático teve como objetivo geral despertar nas crianças o interesse pela leitura através da valorização das identidades diversas e construção da autoestima. Além desse objetivo geral, elencamos alguns objetivos específicos:

- ✓ desenvolver habilidades de leitura literária individuais e coletivas;
- ✓ valorizar as diferenças e reconhecer-se enquanto pessoa;





VII ENLIJE

- ✓ perceber-se a si como único e parte integrante de um grupo social heterogêneo;
- ✓ analisar a contribuição africana no processo de formação da cultura brasileira.
- ✓ contribuir para a formação de uma identidade positiva do negro e sua valorização na sociedade;
- ✓ refletir sobre a importância da diversidade humana e cultural brasileira.

Os participantes deste projeto foram alunos de turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e utilizamos práticas de letramento literário, destacando que “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” (COSSON, 2016, p. 16).

Dessa forma, vê-se que na interação com a literatura, o indivíduo tem a oportunidade de se tornar sujeito de (re)criação de significados, mediados pelo texto escrito. É nessa interação autor-texto-leitor que múltiplos sentidos se entrecruzam com inúmeras possibilidades de interpretações, sem fixidez de regras superpostas, mas num nível dialógico e produtivo. Para tanto, o modelo de sequência básica, cunhado por Cosson (2016, p. 51), que envolve etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, figura como meio relevante de instigar os estudantes ao saber literário. Não mais aquela leitura-pretexo para o estudo de temas gramaticais ou a leitura por leitura, sem qualquer objetivo traçado. Sim uma atividade humanizadora, revelando traços e construindo saberes mediados pela interação com o texto literário.

Dessa forma, através de leituras, dinâmicas, interpretações visuais e verbais, releituras, o projeto (quadro descritivo de ações em ANEXO A) foi realizado, como se pode visualizar nos seguintes passos de execução e comentários acerca de sua aplicação.

Em um primeiro momento, houve uma conversa informal sobre os objetivos da sequência, ainda sem explicitar o livro a ser trabalhado. Em seguida, realizamos a dinâmica do quebra-cabeça, formando, a capa do livro com o objetivo de levantar hipóteses sobre a leitura a ser realizada, além de motivar a leitura do texto e levantar informações sobre o autor.

Como sabemos a dificuldade de se fazer leituras em casa, utilizamos duas aulas para realizar a leitura do livro em sala de aula, com comentários acerca da atividade.

Na aula seguinte, realizamos uma aula dialogada sobre a importância da diversidade humana, de modo a contribuir para a formação de uma identidade positiva do negro e sua





VII ENLIJE

valorização na sociedade. Para isso, utilizamos uma apresentação ppt, com imagens relativas ao tema de modo a incitar a discussão.

Num momento a seguir, realizamos outra dinâmica, intitulada *O espelho*, para que se reflita acerca da importância de valorização de si como único e, ao mesmo tempo, parte integrante de um grupo social. E após isso produzimos releituras da obra por meio de produção de um cartaz em grupo e ilustrações de páginas do livro.

Finalizamos a sequência com uma apresentação teatral (roteiro em ANEXO B) – baseada na obra literária estudada – para a comunidade escolar, o que foi um momento de intensa interação, desde os ensaios, aproximando ainda mais os estudantes do tema desenvolvido e fazendo com que fosse solicitado mais um projeto com a mesma temática.

5 CONCLUSÃO

A efetivação da lei 10.639/03 nas redes de ensino brasileiro constitui um relevante desafio. Isso implica na disseminação dos conhecimentos sobre os povos africanos, não só a partir do momento de sua escravização no Brasil e do tráfico negreiro, mas, sobretudo, através do conhecimento da cultura, história e organização desta nação. Ora, sabemos que, anteriormente à chegada dos europeus no território africano, esse povo já tinha suas organizações e, conseqüentemente, cultura e história de grandes riquezas. Partindo desse pressuposto, a África sempre foi uma nação civilizada e esse é um fator significativo que passa despercebido e deixado de fora dos currículos das escolas brasileiras.

A partir de projetos de leitura como este apresentado, com temáticas africanas e afro-brasileiras, é possível trazer para a sala de aula a realidade de nossa diversidade cultural e a valorização das etnias negras, cujo valor é inestimável e não pode ser desprezado. Este é apenas um exemplo do que pode ser feito, e vemos que não é tão difícil como se apregoa mostrar que a negritude não se resume à escravidão.

Assim, formar cidadãos críticos capazes de construir a sua própria história é permitir ao aluno o direito à memória e ao conhecimento de sua história, respeitando as diferenças sem perder de vista a universalização do saber, bem como a dimensão nacional de sua identidade. Dessa forma, é tarefa da escola considerar a diversidades étnicas de seus alunos, reconhecendo de forma integral os valores culturais intrínsecos ao seu contexto para integrá-los à sua educação formal.





VII ENLIJE

Desse modo, enquanto a história transmitida na escola privilegiar apenas a história exclusiva dos “vencedores”, dos colonizadores, a história real será negada ao estudante, assim como o conhecimento da efetiva contribuição das diferentes vertentes étnicas à formação de sua identidade. Por tudo isso, o ensino da história dos povos e das civilizações da África é missão de todo educador comprometido com a consolidação de uma sociedade democrática de fato e de direito.

6 REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

BRASIL, MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira – Brasília, 2004.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03/–** Brasília, 2005.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FERRÉZ. **Amanhecer esmeralda**. 2. ed. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

MUNANGA, Kabengele et al. **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.





ANEXO A – QUADRO DESCRITIVO DE AÇÕES DO PROJETO DIDÁTICO

| Ações | Formas de execução | Objetivos | Períodos de execução | Responsáveis e colaboradores |
|--|--|--|-------------------------------|-------------------------------|
| Definição do problema de pesquisa | Conversa informal e Questionário | Detectar os interesses de leitura dos estudantes envolvidos | Aulas do início do ano letivo | Professora, estudantes e pais |
| Dinâmica do Quebra-cabeça | Montagem do quebra cabeça que formará a capa do livro | <ul style="list-style-type: none">- Levantar hipóteses sobre a leitura a ser realizada;- Motivar a leitura do texto;- Explorar aspectos visuais da capa bem como levantar informações sobre o autor; | 1º encontro 45 min. | Professora e estudantes |
| Leitura em casa e na escola do livro <i>Amanhecer Esmeralda</i> - Ferréz | <ul style="list-style-type: none">- Leituras individuais e em família, em casa | <ul style="list-style-type: none">- Explorar a leitura como fruição | 1 final de semana | Professora, estudantes e pais |
| Discussão acerca das leituras realizadas | <ul style="list-style-type: none">- Aula dialogada | <ul style="list-style-type: none">- Destacar a importância da diversidade humana;- Contribuir para a formação de uma identidade positiva do negro e sua valorização na sociedade; | 2º encontro 45 min. | Professora e estudantes |
| Dinâmica <i>O espelho</i> | <ul style="list-style-type: none">- Realização da dinâmica através da percepção da própria imagem refletida num espelho contido numa caixa. A pergunta motivadora será: “Quem é a pessoa | <ul style="list-style-type: none">- Perceber-se a si como único e, ao mesmo tempo, parte integrante de um grupo social;- Despertar para a valorização de si mesmo; | 3º encontro 45 min. | Professora e estudantes |





VII ENLIJE

| | | | | |
|---|--|--|---|--|
| | tão importante que você está vendo? Descreva-a para o grupo” | | | |
| Releituras da obra | Produção de gêneros diversos, como cartaz, convites, mural e roteiro de teatro etc. em grupos | - Ampliar competências de escrita de diversos gêneros, baseadas em um mesmo objeto de leitura, observando a língua não só como instrumento de comunicação, mas de ação e interação social. | 6º e 7º encontros 90 min. | Professora e estudantes |
| Trabalho com a leitura expressiva e dramática | - Ensaaios para a apresentação do texto de forma dramatizada pelos alunos no auditório da escola, por meio do roteiro de teatro produzido por eles | - Garantir que os estudantes adquiram competências e habilidades de leitura e interpretação; -Expandir as capacidades expressivas orais, por meio de leitura dramática e teatral. | 8º, 9º, 10º e 11º encontros 180 min. | Professora e estudantes |
| Evento cultural | - Apresentação de nossos estudantes de <i>Amanhecer Esmeralda</i> em forma de teatro | - Expor resultados de oficinas de leitura e habilidades orais, expressivas e espaciais | 12º encontro 45 min. | Professora, estudantes e toda a comunidade escolar |





ANEXO B – ROTEIRO DE PEÇA TEATRAL

AMANHECER ESMERALDA – FERRÉZ

ROTEIRO DE TEATRO

(Manhã acorda e entra na cozinha)

MANHÃ – Ah, que bom que hoje é sexta-feira! O fim de semana está chegando! *(procura comida na panela e não tem)* É... parece que hoje será mais um dia sem pão... *(olha no espelho tentando arrumar o cabelo)* Não tem jeito pra esse meu cabelo!

PAI – (bebendo) Istude, mia fia, estude pra num fica que nem seu pai.

MANHÃ – *(beija o pai, pega o material sai para a escola)* Um dia... talvez eu seja professora, advogada... não quero limpar a casa de ninguém como a minha mãe...

(Manhã chega e senta na carteira, o professor chega animado)

PROFESSOR – Bom dia!

MANHÃ – Bom dia!

PROFESSOR – Hoje vamos falar sobre linguagem! Vocês já notaram como a sociedade não utiliza um modo apenas de falar ou escrever? *(a aula acaba)*

PROFESSOR – Manhã! *(ela olha)* Venha até aqui, por favor. *(ela vai)* De que bairro você é, Manhã?

MANHÃ – Daqui do Jardim das Rosas, professor.

PROFESSOR – Jardim das Rosas... nunca vi rosas por aqui... mas, e sua família? Me fale sobre ela.

MANHÃ – Ah! Meu pai bebe um pouco, né, tenho vergonha de falar; mas ele não bate na minha mãe, não. Já a minha mãe trabalha até de noite na casa da dona Flávia, a patroa dela.

PROFESSOR – Sabe o que é, Manhã... Estava passando em frente a uma loja de roupas ontem e decidi comprar uma coisa. Queria que você não levasse a mal, porque é bem simples, mas comprei isso pra você.

(entrega o embrulho a ela, que abre)

MANHÃ – *(muito feliz)* Que lindo, professor! Muito obrigada! Que cor é essa?

PROFESSOR – Esmeralda... Agora eu queria que você fosse à sala da merendeira, a dona Ermelinda, pois ela quer conversar com você. *(ela sai até lá e encontra dona Ermelinda)*

ERMELINDA – oh, menina! Mas você é muito bonita mesmo! O Marcão fez a maior propaganda dos seus traços africanos. Agora eu posso cuidar um pouquinho de você? Eu quero fazer uma trança raiz no seu cabelo, você já fez alguma vez?

MANHÃ – Já fiz uma vez, sim, são umas tranças rasteirinhas assim na cabeça, né?

ERMELINDA – Isso mesmo, Manhã, você não acha lindo?

MANHÃ – Acho, minha tia fazia em mim antes, só que ela mudou.





VII ENLIJE

ERMELINDA – Então, toda menina afro-descendente devia fazer isso, usar mais os cortes que têm a ver com o nosso povo, com a nossa história. Vou te pedir uma coisa: ali do lado tem um chuveiro, você vai lá, toma um banho gostoso, põe o vestidinho que eu vou fazer as tranças. *(Manhã vai e volta com o vestido. Ermelinda trança o cabelo dela)* Sabe, Manhã, você deve ser descendente de uma linda rainha, de algum dos reinos a que pertenciam os negros escravizados trazidos para cá. Pronto, acabei. Olha no espelho!

(Manhã fica encantada e vai para casa)

PAI – Nossa, filha, o que aconteceu? Você tá linda!

MANHÃ – Brigada, pai. Foi o professor que me deu este lindo vestido cor de.. ah, não lembro o nome da cor, mas foi ele quem me deu.

PAI – E quem fez essas tranças bonitas aí?

MANHÃ – Foi a dona Ermelinda, pai, ela caprichou e ficou muito legal.

(o pai de Manhã levanta, sai e volta com um balde de tinta e pincel)

PAI – Mia fia, vou pintar a casa toda! Você é muito linda pra ficar num lugar desse. *(ele pinta e depois, a mãe chega e olha ao redor)*

MÃE – Meu Deus do céu, a casa pintada! E cuscuz, pão e frango na mesa? *(olha para Manhã)* O que aconteceu com você, criatura? Você tá linda! *(eles sentam para comer)*

VIZINHA 1 – *(olha a casa)* Mas olha... então, aquele nego metido arrumou todo o barraco. Ele tá pensando que é quem, hein? Hoje mesmo vou no sô Toin comprar tinta e dar um trato aqui.

VIZINHA 2 – Olha só... lembrei que tenho que colocar a caixa d'água na laje.

VIZINHA 3 – Ah... tive uma ideia: vou colocar uma cerca na frente de casa.

VIZINHA 4 – Até que enfim vamos ter calçamento na rua, de mutirão, mas vamos ter.

(em casa)

MANHÃ – *(se olha no espelho)* Agora eu reconheço... os traços africanos de que dona Ermelinda falou... meu nariz é lindo, não preciso ter vergonha dele nem da minha boca... é assim que a rainha devia ser.

